



JANUARIO GARCIA

O

Sete orelhas.

DRAMA EM 3 ACTOS E 5 QUADROS

DEDICADO

AO SR. JOÃO CAETANO DOS SANTOS,

PRIMEIRO ACTOR BRASILEIRO.

COMPOSTO

POR

Martin Francisco Ribeiro de Andrada.

Bacharel Formado em Sciencias Juridicas e Sociaes pela
Academia de São Paulo.



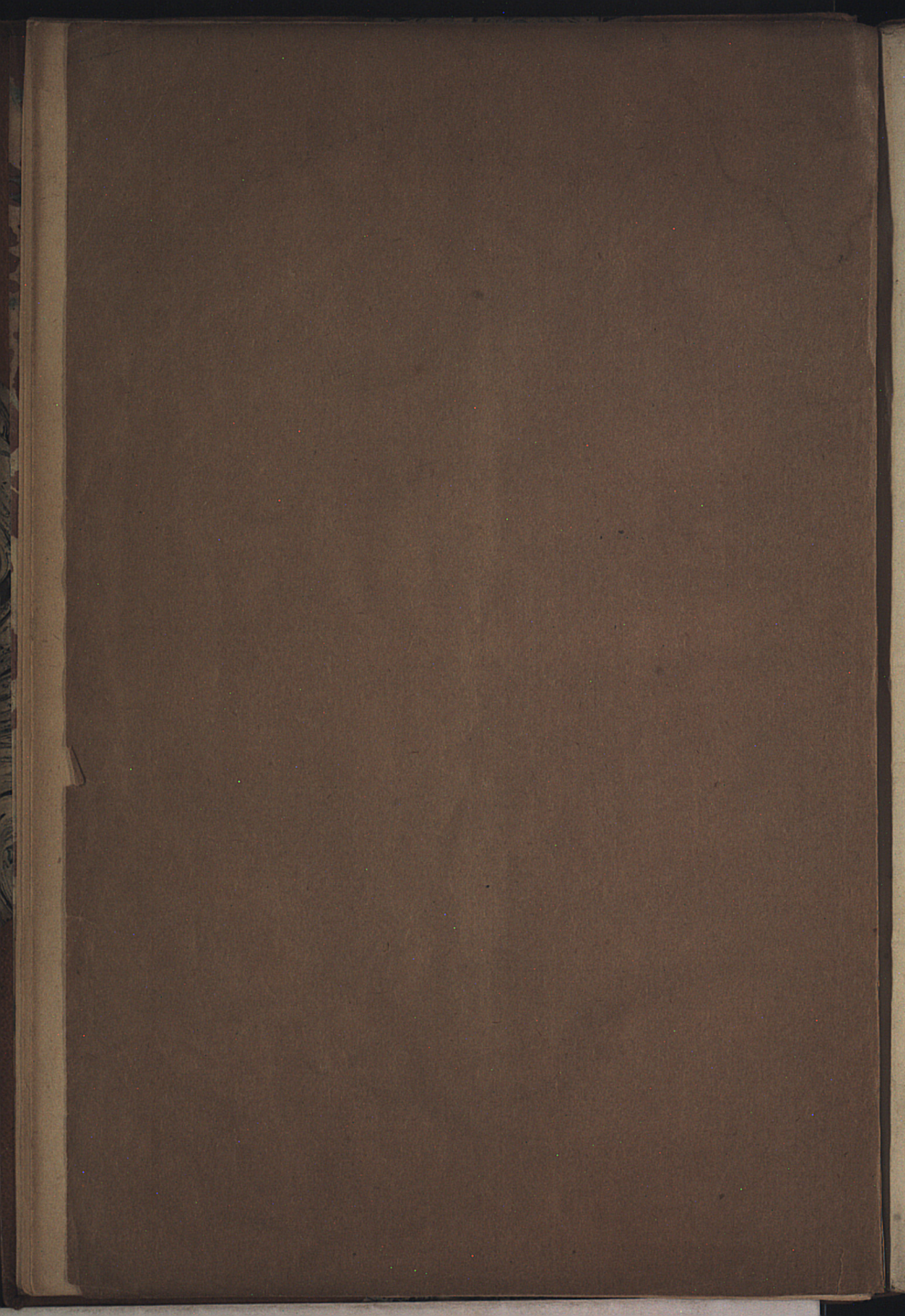
SÃO PAULO.

TYPOGRAPHIA DO GOVERNO.

Em Palacio.

1849.





JANUARIO GARCIA

O sete orelhas.

DRAMA EM 3 ACTOS E 5 QUADROS.

DEDICADO

AO SR. JOÃO CAZIANO DOS SANTOS.

PRIMEIRO ACTOR BRASILEIRO.

COMPOSTO

POR

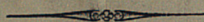
Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

Bacharel formado em Sciencias Juridicas e Sociaes pela Academia de S. Paulo.

3511

869-8039
A653
f

PERSONAGENS DO DRAMA.



JANUANIO GARCIA.

ANNA.

JOSEPHINA.

LUIZ PAULINO SILVA.

THOMÉ SILVA.

JOÃO SILVA.

JOSÉ SILVA.

JOAQUIM SILVA.

ANTONIO SILVA.

BENTO SILVA.

ANTONIO JOAQUIM.

JOAQUINA.

ANDRÉ.

JOSÉ.

UM MENINO.

A Scena começa entre Itú e Sorocaba e acaba em Vil-
las-boas de Goiaz.



869-8039
A653

Acto 1.º

QUADRO PRIMEIRO,

A Scena representa uma sala com tres janellas no fundo: duas portas que deitão para o exterior e outras duas para o interior da casa. Cadeiras em roda da casa, e um bafete a que estão encostados os interlocutores.

SCENA 1.ª

JANUARIO GARCIA E ANNA GARCIA.

JANUARIO (*como continuando a conversa*).

Sim Anna, os Paulistas de hoje são degenerados filhos dos Paulistas d'outrora. Forão-se essas firmes crenças religiosas, que obravao prodigios. Já não ha quem recorde a lealdade de um Amador Bueno, e a valentia dos Tybericás porque ninguem hoje é capaz de imital-as. As pergrinações de nossos avós por invios desertos transpando rios, derrubando mattas e affrontando o furor das feras bravias; os sanguinolentos combates em que vencerão os Emboavas são taxados de fabulosos por aquelles, que devião ufanar-se de sua verdade. O luxo, esse cancro que rõe o suco vital das sociedades trazido á nossa terra pelo estrangeiro sequioso de nosso oiro, veio murchar-lhe as esperanças de ventura, corromper o coração de nossos patricios e fazel-os escarnecer as proezas de seus avós. Ao bacamárte, que fazendo retumbar os echos das florestas derribava as feras que as habitavão, substituirão-se as louçainhas e os enfites, á antiga lealdade que sabia cumprir o que promettia — os cortejos fingidos e os falsos offerecimentos. E eu, Anna, que amo a minha patria mais que a mim mesmo, eu que me alegrava com a sua ventura como os passaros se alegrão com os primeiros raios do sol, olho para o tumulo como suprema ventura, porque me poupará o pesar acerbo de ver as provanças e os amargores porque ella tem de passar. E ao prever-lhe o medonho porvir, sinto as faces se me enrugarem na força da idade, e os cabellos me branquearem antes do tempo.

ANNA.

Desterra, Januario, essas negras lembranças, que vem perturbar o teu espirito, não te entregues a sombrios pensamentos, quando no interior de tua casa tens a felicidade.

E's tão abastado, que tens para ti e para dar aos desvalidos: tens uma esposa que te idolatra, um filho e uma filha que te amão e respeitao, escravos que olhao para ti como para seu Deos: para que pois evocas lembranças que venhao derribar o edificio de tua ventura?

JANUARIO.

Sei quanto me amas, Anna, sei quanto me presão e respeitao meus filhos, conheço a affeição que me tem todos que me cercão, mas nem uma dessas idéas pôde minorar a dor que me rala o peito. Ha no coração do homem um sentimento inexplicavel e intenso, que desabrocha com os primeiros vislumbres de sua intelligencia, uma paixão santa e pura que excede a todas as outras, como o jequitibá a todas as arvores da floresta, e esta paixão é o amor da patria. Tu sabes, Anna, quanto eu te amo, sabes que a affeição que tenho a meus filhos, é mais que amor, é idolatria! Pois bem, nem a ti, nem a meus filhos amo mais que a patria. O seu futuro, Anna, é assustador; eis porque minha alma se contrista.

ANNA (*levanta-se*).

Januario, as immensidões do futuro só a mente de Deos pôde desvendar, e é quasi um sacrilegio tentar fazê-o. Contenta-te com aquillo que é do dominio humano — o presente e o passado. Vê no presente o amor de tua esposa e de teus filhos. Recorda-te no passado desse dia venturoso em que regressado a dias de Portugal onde teo pai te mandara educar, me viste pela primeira vez. Oh! esse instante tao digno de felizes recordações deve estar sempre presente à tua e minha memoria, porque foi ahi que advinhando os dotes de tua alma pela franca expressão de teu rosto, uma forte sympathia me levou a amar-te, e desde então jurei ser tua senão desprezasses o santo fogo em que por ti me abrazava. E um secreto pressentimento me augurava, que partilbarias minha paixão. Lembra-te d'esses instantes embriagadores de felicidade, que tivemos no nascimento do nosso primogenito — o nosso querido Antonio; lembra-te quanto te divertias com os innocentes ditos da nossa Josephina, nos primeiros dias de sua infancia! E que estas puras imagens de ventura que gozamos, apartem de teu espirito tristonhas preoccupações.

JANUARIO.

Não penses, Anna, que as preoccupações de meo espirito me fação esquecer do amor que te consagrei e que voto a meus filhos. Amo-te, como raras vezes se ama no mundo, com um affecto que só se explica pela brevidade da vida,

parece que a alma antevendo o termo approximado da humana existencia, quer esgotar até ao fundo a taça da felicidade. Voto a meus filhos uma affeição, que só pôde comprehender um pai porque o experimenta. Mas nada tenho a recear nem por ti nem por elles. Se por ventura findarem meus dias antes dos teus, terás por apoio na breve peregrinação da vida ao nosso querido Antonio. Elle nada tem a recear; é verdade que tenho tido contestações com alguns vizinhos por motivos de limites de terras, e n'ellas tem elles como era seu dever me defendido com calor, mas supponho-os incapazes de se vingarem n'elle de contestações de que eu sou a causa, e tanto nada receio, que ainda hontem lhe concedi licença para ir à caça, e para lá partio só, e só deve chegar á hora do jantar. A minha Josephina, flor que mal desabrocha ao sol da vida, nada tem a temer: todos admirão a sua belleza e respeitão a sua innocencia. A certeza que tenho da felicidade de tudo o que me cerca, faz com que não falle a todos os momentos nos entes que tanto estimo. Mas se por ventura alguém se atrevesse a offendel-os minha vingança os perseguiria por toda a parte, inda quando fosse necessario abandonar minha casa e sacrificar minha fortuna para realisal-a. Porêth Josephina chega, como vem alegre, assim deve ser a sua vida. O riso nos labios da innocencia é a expressão da felicidade.

SCENA 2.^a

OS MESMOS E JOSEPHINA

JOSEPHINA.

A sua bênção, meu pae; a sua bênção minha mãe, como passarão o noute? *(dirige-se a elles e lhes toma a bênção.)*

JANUARIO.

Bem; e tu, minha filha, acordas-te sempre, que parece que doirados sonhos cercão-te o leitô. Deus te conserve sempre assim, minha filha, que é o que mais deseja teu pae.

JOSEPHINA.

Como não heide andar alegre, meu pae, se parece, que advinhaes o meu mençr desejo para realisal o. Em companhia de um pae tão extremoso, de um mãe tão carinhosa e de um irmão tão terno, como não eslarei contente? A felicidade que goso é tão grande que muitas vezes me ponho a scismar, que não venha a substituil-a alguma grande desgraça.

ANNA.

Conserva, minha Josephina, sempre dentro de teu peito essas idéas de respeito e amor por teus pais, obedece sempre aos preceitos e à educação que elles te derão, segue sempre os dictames da virtude, e terás em suas lições um arrimo contra a desgraça.

JOSEPHINA.

Seguirei sempre os vossos conselhos, minha mãe, e tomar-vos-hei por modelo, porque me ensinaes pelas vossas palavras, e pelo vosso exemplo.

JANUARIO.

E obrarás ajuizadamente fazendo o que dizes, porque Anna foi sempre uma santa mulher, temente a Deus, respeitosa para com seus pais e seo marido, e amante de seus filhos. Segue-lhe as pisadas Josephina, e então te convencerás, que a verdadeira educação é a da alma, e não a que cuida em adornar as jovens de passageiras prendas. A virtude, minha filha, acompanha nós á sepultura, é ella pois o verdadeiro adôrno da humanidade. Conserva sempre na lembrança estes conselhos de um pae que tanto te ama, mas desterra de teu animo esses vaos receios de uma desgraça eminente. Cercada dos cuidados de teu pae, que tens a receiar? Sabes que sou capaz de sacrificar a vida para assegurar a tua felicidade e a de teu irmão. Desterra pois de tua alma esses temores que ainda que faltos de fundamento, me affligem.

JOSEPHINA.

Obedecer-vos-hei, meu pae, porque um vosso simples desejo é para mim uma ordem.

JANUARIO (*para ambas*)

Ide cuidar dos arranjos caseiros, e depois voltae a fazer-me companhia, que em quanto estiverdes occupadas descançarei um pouco em minha rêde. Logo que Antonio chegar dizei-lhe que venha fallar-me, que estou ancioso por abraçal-o.

SCENA 3.^a

JANUARIO (*só, pensativo sentado na rêde.*)

Não, não são só as desgraças da patria que me ator-

mentão; um secreto receio me prediz alguma grande desgraça. Mas Josephina e Anna são timoratas, e devo occultar-lhes os meus temores para não affligil-os. Inda a noute passada, um pesadelo horrivel (só de recordal-o estremeço) veio perturbar o meu repouso.— Vi meu filho amarrado á uma arvore, em roda delle sete homens ou antes sete demonios lhe espedaçavão as carnes; o infeliz bradava por socorro e nas ancias da morte clamava pelo nome de Deus, e pelo meu nome. Tentei voar em seu auxilio, mas uma mão de ferro me detinha no leito, e quando luctava com esta força occulta accordei-me lavado em frio suor e arquejando. Ha quem diga, que os sonhos são vaticinios. Oh! se este terrivel sonho se realisar!.. que tremao seus assassinos! Perseguil-os-hei sem descanso toda a noute, todo o dia, irei buscal-os até ao proprio inferno se lá se refugiarem. Oh! quanto admiro esse Rei de Portugal, que fez arrancar o coração ao matador de sua esposa! Os monstros são uma excepção da humanidade, e não devem ser punidos pelas regras communs. (*serenando-se*) Mas para que preoccupar-me com uma visão, com um sonho fructo do acaso, que talvez nunca se realise. (*Tirando o relógio.*) Vejamos que horas são. Já duas horas e Antonio que não chega! Oh! meu Deus! meu Deus! protegei meu filho!

SCENA 4.

O MESMO E ANNA.

ANNA.

Venho fazer-te companhia. Dei as disposições mais necessarias para o arranjo da casa, deixei Josephina encarregada das que faltavão, e appresei-me em vir ter contigo. (*reparando na expressão do rosto de Januario: e assustada*) Mas que tens? estás tão triste? tuas feições estão transtornadas! que grave motivo te poz nesse estado?

JANUARIO. (*procurando disfarçar*)

Enganas-te; eu nada tenho, estou como me deixaste.

ANNA. (*triste*)

Não, Januario, tu me enganas; algum grave motivo te affige e te contrista, e não queres communicar-m'o. Já não sou aquelle ente em cujo seio depositavas os teos mais secretos sentimentos. Perdi a tua confiança, e quem sabe, se em breve me retirarás tambem o teu amor.

JANUARIO.

Não, Anna, não; a confiança que em ti deposito em nada desmereceu; não queria porem affligir-te, mas como julgas que desconfio de tua discripção, vou communicar-te o que sinto. Nosso filho devia estar de volta ao meio dia, são duas horas e ainda delle não tenho novas... eis o que me desassocega.

ANNA.

Talvez ontem não conseguisse matar nem-uma perdiz e sabes quanto elle presume de Lom caçador não quiz chegar á casa com as mãos vazias: eis certamente a razão de sua demora.

JANUARIO.

Assim fosse. Antonio não quereria por tão frivolo motivo desassocegar-me. Elle disse-me que voltaria antes do meio dia, e a não ter havido algum contratempo (talvez alguma desgraça) estaria de volta. Sabes que amo excessivamente este filho, é o nosso primeiro e unico filho, aquelle em quem deposito minhas esperanças, em quem me sinto reviver. Elle deve ser o arrimo de nossa velhice, e quando estivermos com um pé na sepultura e que não tivermos mais prazeres na vida, inda o nosso amor para com elle triumphará da insensibilidade da velhice e nos alegraremos com a sua ventura. Amando-o assim tanto, a simples idéa de que algum perigo seja a causa de sua demora, me desespera.

ANNA.

Socega, Januario, esquece os teus receios e verás em breve o nosso Antonio apertar-te em seus braços são e salvo.

JANUARIO.

Os anjos te fallem pela boca, mulher, os anjos te fallem pela boca.

SCENA 5.^a

OS MESMOS E JOSEPHINA (muito assustada.)

JOSEPHINA (chorando.)

Meu pai! meu pai!

JANUARIO (com instancia.)

Que tens minha filha, que tens? vejo lagrimas em teus

olhos? estás tão assustada? diz, diz o que te perturba?..

JOSEPHINA.

Oh! é uma noticia terrivel que venho dar-vos... o cavallo em que meu irmão foi á caça chegou sem elle arrojando, como se tivesse dado uma grande corrida... o cão que o acompanhava vem cheio de sangue!... Meu irmão, meu pobre irmão!...

ANNA (*em tom doloroso.*)

Meu filho! meu pobre filho!..

JANUARIO (*desesperado*)

Oh! a desgraça pesa sobre nós! O meu filho, o meu Antonio está exposto a algum grave perigo. Vou correr em seu auxilio... talvez ainda seja tempo!... José! José!...

SCENA 6.^a

Os mesmos e José.

José

Sr., Sr. — que ordenaes?

JANUARIO.

Sellai o meu cavallo, carregai as minhas armas, e chamai-me, e tudo isto já e sem demora.

José.

Tudo fica prompto n'um instante. (*Vai-se.*)

SCENA 7.^a

O MESMO MENOS JOSÉ

JANUARIO.

Mas onde estará Antonio? Para que lado irei? Seu perigo será resultado de um sinistro ou do rancor de algum inimigo occulto?! Oh! dera de bom grado a minha fortuna toda para sahir desta incerteza. (*Batem na porta*) Vae ver quem bate, Josephina, talvez seja alguma noticia... vae depressa.

JOSEPHINA (indo a porta e abrindo-a falla e recebe uma carta que traz).

Uma carta, meu pai, uma carta para vós.

JANUARIO (com a carta na mão),

Nesta carta talvez se encerra o destino da nossa vida, ella vae talvez restituir-me a minha ventura ou firmar para sempre a minha desgraça. Abramol-a.

ANNA.

Lê alto, Januario, por mais terrivel que seja o seu centheúdo resignar-me-hei aos decretos da Providencia.

JANUARIO (lendo).

« Meu amigo. E' com profunda magoa que vou dar-vos
« a dolorosa noticia que vosso filho foi assassinado. .

JOSEPHINA E ANNA (ao mesmo tempo).

Assassinado! Pobre Antonio!

JANUARIO (continuando a ler).

« Seu cadaver foi encontrado na estrada que vae de Itu
« a Sorocaba. Estava amarrado a uma arvore todo aspado,
« e tinha no peito sete facadas . . (fallando) Meu filho! meu po-
bre filho! pela salvacao de minha alma eu o juro, serás vingado!

ANNA.

Oh! meu Deos! em que vos offendi para soffrer tão gran-
de desgraça?!

JANUARIO (continuando a ler).

« Pelas immensas pegadas que se dirigem para o lado
« de Sorocaba, duas legoas distante do logar, os assassinos
« mostram ser muitos. . . (fallando) Covardes! tiveram receio
de um homem! (lendo) « A Justiça não tem podido desco-
« bril-os. . . (fallando) E que pode a Justiça em S. Paulo,
ella que nem ousa impedir que duas familias se exterminem
nas ruas publicas da Capital! (lendo) « O cadaver de seu
« filho está em minha caza e von mandal-o enterrar com
« toda a decencia.—Teu amigo Antonio Lopes ». (A Anna)
Irás a Sorocaba assistir ás exequias de Antonio, eu não posso
cumprir este dever, uma obrigação mais sagrada. . . a sua
vingança, insta que persiga os assassinos em quanto estão re-
centes os vestigios do crime.

ANNA.

Januario, queres abandonar duas pobres mulheres, ir arriscar-te a mil perigos e deixar-nos no mundo sem arrimo?

JOSEPHINA.

Os malvados são muitos, não podereis resistir-lhes e teremos de chorar a vossa morte! Oh! nao, não nos abandonéis!

JANUARIO.

Filha, mulher; a vossa dor me despedaça o coração, mas não posso ceder ás vossas rogativas. Vingar meu filho é um dever sagrado; para realizal-o não ha obstaculo que não derribe, e perigo que não affronte! Mas nada receeis por mim; serei apenas a espada que fere e o braço que esmaga, por que um poder occulto me guia e este é a providencia, que não deixa impunes os malvados. Oh! que tremão os assassinos! não terei um momento de descanso, persuguil-os-hei sem repouso. De noite, meos olhos os procuraraõ atravez das trevas; de dia olharei, se necessario fór, de encontro ao sol para avistal-os, e quando os alcançar, calcal-os hei aos pés, cuspir-lhes-hei nas faces e lhes enterrarei até o cabo a minha faca nos corações de tigre! Oh! o attentado fõi espantoso! mas a vingança será ainda mais horrivel! Depois de matal-os, cortarei a cada um, uma orelha para servir-me de trophéo!

ANNA.

Vê, Januario, que corres á tua perdição.

JANUARIO.

Não, Anna, corro a gozar a unica satisfação que me resta na vida — a vingança! E' este um pensamento incessante que em quanto se não tornar realidade, me não abandonará se quer um momento.

SCENA 5.^a

OS MESMOS E JOSÉ

JOSÉ.

Tudo está prompto.

JANUARIO (*abraçando Anna e Josephina, e com tom grave e solenne*).

Adeos mulher! — Adeos filha! — só me tornareis a vêr
ou morto ou vingado!

(*Cabe o pano*).

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

Acto 2.^o

QUADRO SEGUNDO.

A scena representa uma pequena sala com as paredes esburacadas: no meio da sala está um bufete, estão espalhados sem ordem alguns mochos de pão. Pegada à uma das paredes ha uma prateleira, na qual está Antonio Joaquim arranjando algumas garrafas quando sóbe o panno.

SCENA .1.^a

ANTONIO JOAQUIM (*acabando de arranjaz as garrafas e chegando à boca da scena*).

Maldita vidal é um continuo lidar com fumo, melado e aguardente! E que hade ser, se parece que nesta terra só disto se vive! Em eu morrendo vou direitinho para o ceo, por que sou martyr em vidal Ora façamos a rezenha dos meos sofrimentos: 1.^o tenho de soffrer freguezes brutaes que quem ser servidos com toda a presteza, atordoão-me os ouvidos com dezentoados gritos, e quando os não sirvo logo, vão-me ao pello com toda a frescura e sem cerimonia, e se nao é assim, que o digão as minhas costas. Quando vim da minha boa terra buscar aqui fortuna, ja sabia, por me contarem, a gente com quem tinha de lidar, assim não devo queixarme. Em segundo lugar tenho de soffrer os calotes que me pregão os espertalhões, com tudo é preciso em abono da verdade dizer que a gente da terra não usa muito delles. Em terceiro lugar (e é este o meu maior tormento) tenho um demonio que me enfurece a todos os momentos e é este a boa da minha mulher. Antes de cazar-me era um anjo, fazia-me mil promessas (*afinando a voz*): era meu Antoninho para cá, meu Antoninho para lá, tu não sabes quanto te amo: quando nós cazarmos, hei-de advinhar-te os desejos; hei-de obedecer à todas as tuas vontades; serás o mais feliz dos homens.— E eu, que por mal de meus pecados tenho uma guela tão larga que engole as maiores carrapetas, e que sobre tudo sou muito propenso à ternura, cali no laço como um periquito: mas logo que se achou ligada à minha estimavel pessoa, mudou completamente, e começou a patentear o seu prestimo. Alem de muitas outras boas qualidades, que para não esbaforir-me não enumero por serem muitas, é desaforada, falladora, e sobre tudo curiosa e tão curiosa que me faz lembrar de nossa mãe commum Eva. Mas eil-a no meu encalço: — não posso ter um momento de socego. Vem muito carrancuda: temos trovoada secca.

SCENA 2.ª

ANTONIO JOAQUIM E JOAQUINA.

JOAQUINA.

Que estás tu sempre a murmurar! Levas a fallar todo o dia, e não trabalhas, e afinal sobre mim é que vem recahir todo o pezo da caza.

ANTONIO JOAQUIM.

Com que eu não trabalho! Sobre ti é que cahe todo o pezo da caza! Ora dê-me Deos paciencia para aturar tanto descoco.

JOAQUINA.

E atreves-te ainda a desmentir-me, mandrião?

ANTONIO.

Não me faças sahir do sério: — olha que te canto a palinodia.

JOAQUINA.

Pois desabafa, desabafa, que já tenho a resposta na ponta da lingua.

ANTONIO.

Em vez de seres trabalhadora como te inculcas, és meiriqueira, falladora e curiosa.

JOAQUINA.

Calumnias, puras calumnias. Aquillo que tu chamas me-xirico, é um excessivo amor do proximo que me faz contar a uns-o que acontece a outros, para que possam alcançar a felicidade ou evitar a desgraça que a estes acontece. Chamas-me de falladora porque me interesso tanto pelos negocios de meu proximo, que fallo nelles como se forão meus. Dizes que sou curiosa porque procuro saber tudo o que acontece para chorar com os desgraçados e alegrar-me com os felizes. Assim tudo aquillo que me reprehendes como vicio, não é mais do que o amor do proximo.

ANTONIO.

O que eu sei, é que, como és mulher, e ninguem se deve vingar em mulheres, eu é quem fico mettido na sal-

sada, e terei mais ou menos dia, de fazer conhecimento com algum bom rebenque por causa do teu excessivo amor do proximo.

JOAQUINA.

Ao menos soffrerás por uma boa causa, e quando morreres, Deos te levará em conta o que soffreste.

ANTONIO.

Magnifica consolação! (*batem a porta*) porem estão batendo, vamos vêr quem é, (*vão abrir a porta*).

SCENA 3.^a

Os MESMOS, JOÃO SILVA, THOMÉ, JOAQUIM, ANTONIO, JOSÉ, BENTO,
E LUIZ PAULINO.

JOÃO

Dae-me quatro garrafas da patricia e fumo, e deixae-nos sós.

ANTONIO JOAQUIM.

Ides ser servido já (*vae a prateleira, traz as 4 garrafas, canecas, e começa a pôr tudo na meza*) (*á parte*): que gente mal encarada! vou servir-os e safar-me, que não me parecem boas peças:

JOAQUINA.

Ah! com quê os homens tem segredos, e querem ficar sós! pois havemos descobrir o misterio: —esconder-me-hei atraz da porta e heide ouvir tudo.

João (*a Antonio Joaquim que está arranjando a meza*).

Aviar, aviar, que queremos ficar sós para folgarmos e bebermos em liberdade.

ANTONIO JOAQUIM.

Já está tudo prompto, e eu vou-me embora (*para Joaquina*) vamos mulher.

JOAQUINA.

Vamos. (*sahem*).

SCENA 4.ª

OS MESMOS MENOS ANTONIO JOAQUIM E JOAQUINA.

LUIZ (*pensativo*).

Beber... folgar! E é possível faze-lo quando se acaba de praticar um crime, quando inda são nos ouvidos os gritos do agonizante! Oh! meus irmãos! eu era feliz e innocente, fizeste-me criminoso, e o remorso me atormenta. Parece que a sombra do infeliz se levanta diante de mim e ameaça-me com uma morte horrivel.

THOMÉ.

Ora não sejas tão medroso Luiz, este moço queria tomar-nos as terras que cultivava-mos, tínhamos de perde-las ou desembarçarmo-nos delle; escolhemos o que nos era mais commo e proveitoso—matamol-o. Mas que as idéas de de Luiz não nos entristeção! (*Deita aguaardente nas canecas*)
Bebamos!

TODOS (*menos Luiz*).

Bebamos!

JOAQUIM.

A' saude do feliz exito da nossa empresa por que ella inda não acabou!

ANTONIO.

Certamente, falta-nos o mais difficil, que é reunir o pai ao filho. (*Zombando*) E' uma prova de amizade que lhe queremos dar, amavão-se tanto que não devem estar separados.

JOSÉ.

Dizes com razão que é o mais difficil: porque se o filho apesar de tomado de traição resistio tanto tempo, o que não acontecerá com Januario Garcia que é um homem tão valente, acostumado a matar onças, e que alem disto está prevenido. Os perigos são muitos, mas já agora não devemos recuar. — A' saude da extensa viagem que tem de fazer Januario Garcia!

LUIZ.

Pois não estaes fartos de sangue?! quereis ainda assassi-

nar ao pobre velho a quem mataste o filho?. Oh! parae!
parae meos irmãos n'esse horrivel caminho que trilhaes!

BENTO.

Põe de parte esses escrupulos todos, Luiz. Este velho
a quem queres salvar é vingativo, procurará saber quem lhe
matou o filho, e se nos descobrir, perseguir-nos-ha. Temos
de morrer ou de matal-o, a sua morte é uma necessidade
para nós.

Todos (*menos Luiz*).

E' muito acertado.

BENTO.

A' vista pois do que tenho dito, peço a saude da reunião
do pai ao filho!

Todos (*bebendo*).

A' reunião do pai ao filho. (*Batem à porta com força*).

SCENA 4.^a

OS MESMOS E ANTONIO JOAQUIM.

ANTONIO JOAQUIM.

Ouvi bater—e vim ver quem era.

JOÃO.

E' alguém que pede pousada. Ide abrir-lhe a porta.

ANTONIO JOAQUIM.

Vou ver quem é. (*vae à porta e abre-a*).

SCENA 5.^a

OS MESMOS E JANUARIO GARCIA.

JANUARIO.

Deos vos salve, amigos!

Amigos!

JOÃO (*aparte*).

JANUARIO.

Sinto vir perturbar o vosso goso; mas em quanto o prazer brilha em vossos semblantes, em quanto a alegria se revella em vossas palavras, a tempestade me uiva cá dentro, e uma idéa incessante, um pensamento de morte esvoaça em meu cerebro; e este pensamento, eu o juro, se tornara uma realidade.

THOMÉ.

Quem provocou as vossas iras?

JANUARIO

Os assassinos de meu filho.

TODOS.

Pois vosso filho foi morto?!...

JANUARIO.

Oh! sim. foi *barbaramente* assassinado, e os matadores mostram ser muitos! Mas que importa o numero a Januario Garcia? Se são muitos, tanto melhor; terei mais em quem vingar-me! Mas, talvez saibais seus nomes? Oh! se os sabeis, dizei-m'os já, dizei-m'os sem detença; este é o maior serviço que podeis fazer-me, porque dera o resto de meus annos nesta vida e a minha salvação na outra, para sabel-os. Tenho séde de seu sangue, como tem séde o viajante que atravessa um deserto sem agua. Oh! dizei-me os seus nomes se os sabeis.

TODOS.

Nós o ignoramos.

JANUARIO.

Pois bem: como não podeis dar-me indicios dos malvados irei recostar-me um pouco, porque dormir nem o posso, nem o quero. Meus olhos se não cerrarão em quanto meu braço me não vingar. (*Para Antonio Joaquim*) Vinde dar-me um quarto.

ANTONIO JOAQUIM.

Vamos, Senhor.

SCENA 6.ª

OS MESMOS, MENOS JANUARIO E ANTONIO JOAQUIM.

JOÃO.

E' um demonio, não é um homem que temos contra nós ; mais tarde ou mais cedo descobrir-nos-ha. Atacal-o agora fôra loucura, está prevenido e é valente, e alguns de nos succumbirão na lucta : evitemos-lhe os primeiros impetos, dividamo-nos, mais tarde quando o seu furor estiver mais arrefecido , lhe armaremos algumas traições e o mataremos.

Todos (*menos Luiz*).

O conselho é bom.

JOÃO.

Sr. Antonio Joaquim ! Sr. Antonio Joaquim !

SCENA 7.ª

OS MESMOS E ANTONIO JOAQUIM.

JOÃO

Aqui tendes dinheiro, pagai-vos.

ANTONIO JOAQUIM.

Obrigado. Mas que tendes estaes tão perturbados ?

JOÃO.

Ah ! tu reparas em nossa perturbação ! pois quero dar-te um conselho de amigo ; não falles nisso a ninguem porque para uma lingua comprida temos sete facas.

ANTONIO JOAQUIM.

Tendes argumentos irresistiveis ; o meu silencio é infalivel.

JOÃO.

Assim o esperamos, e se fallares terás o premio (*levando a mão á faca*).

ANTONIO JOAQUIM.

Confiai em vossas poderosas razões. (*Vão-se e fica Antonio Joaquim*).

SCENA 8.^a

ANTONIO JOAQUIM (*só*).

E que tal! com que alminhas estava eu mettido?! Sete facas para uma lingua comprida! Não tujo nem mujo, heide ficar mudo como uma pedra. Se minha mulher soubesse a historia, como não a comentaria. Mas em contar-lh'a não caio eu, se não está o caldo entornado, e minha vida em perigo.

SCENA 9.^a

O MESMO E JOAQUINA

JOAQUINA.

Que malvados! que malvados são os taes sujeitos que d'aqui sairão. Estive escondida atraz da porta em quanto estiverão sós, contarão que tinham morto traiçoeiramente e a sangue frio, o filho desse pobre homem que está ahí dentro, depois quando elle veio ficarão atterrados; e elle estava tão occupado com a sua dor que não reparou em sua perturbação! Quando elle foi para dentro evadirão-se, e te impuserão silencio, ameaçando-te com suas facas. Mas eu zombo de suas ameaças, hei-de contar ao pai a morte do filho.

ANTONIO JOAQUIM

Mulher, não façás asneiras. Tu querés perder-me; nada contes do que elles disserão, quando não sou um homem morto.

JOAQUINA.

Não seas cobarde. Vamos fallar com esse pobre homem, é nosso dever contar-lhe tudo.

SCENA 10.^a

OS MESMOS E JANUARIO GARCIA.

JANUARIO. (*com os punhos e dentes cerrados, os cabellos hirtos, e em tom horrivel.*)

Não é necessario! tudo sei, estava perto, ouvi vossa con-

versação! Que tremão os malvados! derão sete facadas em meu filho, as que lhes hei-de dar não terão conta! Para onde... para onde se encaminharão os monstros?...

ANTONIO JOAQUIM.

Pelo trotar dos cavallos, parece que para o lado de Itú.

JANUARIO.

Eu irei em seu alcance. Ah! Silvas! Silvas! raça de cascaveis que vos nutris de sangue humano! esmagar-vos-hei as cabeças com o tacão de minhas botas! o leão adormecêra por algum tempo, suas iras se tinham asserenado, e reuniste-vos para soltar vosso grito a seos ouvidos! pois bem, o leão se levantará furioso e vos fará em hastilhas!.. o tigre ha tempos já não derramava sangue, e vieste esparzil-o ao alcance de seu olfato!.. pois bem, elle se banqueteará, e vossos corpos serão seus manjares, e vosso sangue seu vinho. Oh! o meu nome era mui curto, não soava bem, chamava-me só Januario Garcia, não vos agradou, quizeste alongal-o, pois bem, cortarei a cada um de vós uma orelha, e todos me chamarão—Januario Garcia o Sete Orelhas.—O anjo da morte esvoaça entre elles e escolhe a sua primeira victima!... (*para Antonio Joaquim*) o meu cavallo já, o meu cavallo!... e que tremão!...

ANTONIO JOAQUIM.

Está ensilhado à porta.

JANUARIO (*levantando as mãos para o Céu*).

Agora, oh meu Deos! sêde em meu auxilio, não é um homem que persegue outros, que vos implora. . é um pai que corre a vingar seu filho!...

(*Cake o pano.*)

FIM DO SEGUNDO QUADRO.

QUADRO TERCEIRO.

Nô noite, a scena representa uma gruta, que dá entrada para outra, n'uma das paredes estão penduradas, um crucifixo, um cilicio e disciplinas, encostadas á um canto ha duas esteiras, no meio da gruta ha dous cépos, sobre um d'elles está uma biblia, e no outro está sentado Thomé, com barbas muito compridas, e um paxo preto sobre um olho.

SCENA 1.ª

THOMÉ.

Oh! elle virá de certo, ensinei tam bem o seo papel á André que é impossivel que o não desempenhe; conheço muito bem o character Paulista, é demasiadamente supersticioso; um Paulista nunca perde occasião de fallar á um homem que tem reçaibos de santidade (*rindo-se*) e André lhe terá dito que sou um martyr. Que remedio! são precisos todos estes rodeios para dar fim deste homem maldito; dous de meos irmaos já succumbirão á seus golpes, e os outros quem sabe o que lhes tem acontecido. (*Concentrado*) oh! tarda-me muito vel-o repouzar n'esta gruta, porque então quando seo somno fór profundo; quando conflado n'este disfarce de que lancei mão, e na santidade hipocrita de minhas palavras, procurar descansar um momento das fadigas do dia, sem que possa fazer um movimento em sua defeza, sem que possa soltar um ai, cravar-lhe hei até o cabo minha faca, no coração, e então sem receiar o seo olhar terrivel, sem temer a força do seo pulso, embriagar-me-hei com as vascas de sua extrema agonia (*olhando para a entrada da gruta.*) mas André chega, que noticias trará?

SCENA 2.ª

O MESMO E ANDRÉ.

ANDRÉ.

Alviçaras, alviçaras, trago-vos boas nóvas, o passaro cahio na esparrella.

THOMÉ (*impaciente*).

Conta-me, conta-me, o que aconteeceo?

ANDRÉ.

Encontrei-me com o sujeito de quem me destes os signaes, duas leguas distantes d'aqui, e como seguisse-mos o mesmo caminho, travei com elle conversação e então contei-lhe que havia nestes contornos um Eremita cuja santidade

era geralmente admirada, immediatamente me perguntou em que lugar morava, no principio fiz-me de difficil, dizendo-lhe que se era levado de simples curiosidade a procurar-vos, não seria por vós bem recebido, pois fugiéis ao mundo, e só vos prestaveis á consolar os afflictos; pedio-me então com muita instancia que lhe revellasse a vossa morada pois tem consolações á pedir-vos, disse-lhe onde rezidieis, e adiantei-me d'elle pretextando viajar com pressa. Ao despedir-se dice-me que para cá vinha em direitura, assim pois não póde tardar.

THOMÉ.

Desempenhas-te optimamente a tua missão, aqui tens o que te prometi (*dá-lhe dinheiro*) agora pódes retirar-te. Não preciso recommendar-te que não reveles o que fizestes, porque esta revelação te seria tao fatal, como á mim.

ANDRÉ.

Podeis contar com meo silencio; sou um vosso sérvio (*retira-se*).

SCENA 3.^a

THOMÉ (*só*).

Vou finalmente ter em meo poder, o homem sobre quem, tenho de vingar tantas offensas. O momento do perigo se aproxima, devo ser prudente (*faz uma pausa*) ouço o trotar de um cavallo... é elle certamente, vou recolher-me e d'ali observar a impresso que sobre elle produzem estes objectos aqui espalhados, e examinar se por ventura não desconfia do perigo que o ameaça. (*entra para a gruta immediata*).

SCENA 4.^a

JANUARIO, (*só, entrando*).

Ninguem!! Por ventura o viandante zombaria de mim, estaria por acaso encarregado de armar-me uma cilada! Oh! se ha traição, que appareção os traidores, que Januario Garcia d'elles se não arreceia (*reparandonos objectos que o cercão*) um cruxifixo, um cilicio, instrumentos de martyros... são vaas minhas desconfianças. Deve habitar nesta gruta um ente como eu, ulcerado pelos pesáres, despojado pelos revêzes das ficias venturas do mundo, uma d'essas almas que buscao abrigo no sanctuário da religião, contra as tempestades da vida, um ente finalmente digno de que deposite em seu seio

as recordações tristissimas do meo passado, as aspirações terríveis do meo futuro (*reparando na entrada para a outra gruta*) uma outra gruta, talvez... ali esteja aquelle que procuro (*encaminha-se para a entrada; antes de lá chegar sahe d'ella Thomé*).

SCENA 5.^a

O MESMO E THOMÉ.

THOMÉ (*disfarçando a voz*).

Bem vindo sejas, quem quer que és, ao alvergue do pobre solitario. Si buscas nesta tosca gruta um alimento à tua curiosidade, bem enganado ficarás, que os objectos que nella existem, sao de pouco interesse para o homem mundano, mas se teu coração sangra, se teos olhos vertem lagrimas, e a tua alma está constricta, e arrependida de seos erros, se finalmente em teu peito se azila alguma dôr, aqui encontrarás olhos, que contigo chorarão, uma alma que partilhará teos soffrimento, que obdecendo aos sagrados preceitos da religião, saberá ser indulgente com teos erros, se delles te arrependeres.

JANUARIO.

Não fui levado, meo padre, por uma vã curiosidade à procurar-vos.—Não, muito tenho soffrido, e muito tenho errado, o vento de adversidade, passou por sobre a minha cabeça, crestou-me o viço da alma, e seccou-me os mananciaes da alegria. Encontrar uma alma que fosse indulgente comigo, que derramasse sobre minhas chagas, o balsamo sagrado da religião—o perdão era o meo mais ardente desejo. Disserão-me que vos condoeis dos alheios males, e corri à vós. Enganar-me-hia? dizei-m'o:

THOMÉ.

Não vos enganaste, sei chorar com os que soffrem, e perdoar aos que se arrependem.

JANUARIO.

Se me não podeis perdoar, por que me não arrependo do que eu fiz, e ainda muito me resta à fazer, ao menos vossas lagrimas ao ouvires minha narração, talvez minorem minhas dores. Assim pois meo padre, pintarvos-hei os quadros encantadores da minha ventura, a terrivel catastrophe que veio sepultar-me na desesperação, e a vingança ainda mais terivel, que tomei de alguns de seos aucthores; e vereis des-

enredados o meo passado, e o meo presente, e talvez quem sabel. . . decidireis o meu futuro, enxergareis no passado flores, lagrimas, e sangue. No presente o continuo embate, e tumultuar das paixões, que me lutão cá dentro (*pondo a mão sobre o peito*) e nas aspirações para o futuro o desejo immoderado de vingança, que de mim se apoderou.

Se quereis ouvir uma historia horrivel, a historia de um homem que abandonou, mulher, filha e bens, tudo o que amava, tudo o que possuia, para vingar-se! . . . escutai-me sob o sigilo da confissao.

THOMÉ.

Fallae meo filho, eu vos escuto.

JANUARIO.

Ha 7 annos, meo padre, era eu feliz, quanto é possivel sel-o no mundo. Tinha uma mulher que me respeitava e idolatrava, uma filha innocente e pura, como a madre-silva do bosque, um filho valente e altivo como o cedro de nossas florestas virgens; abastado de bens, semeava em redor de mim os beneficios. Amava minha mulher e filhos, com esse affecto intenso que o filho de Deos ensinou aos homens, e de que elles raras vezes uzaõ; e um dia meo padre, dia de horrivel recordação! . . . meo filho foi á caça. . . demorou-se muito e eu desinquietao esperei, esperei: e em seo logar recebi uma carta, que me participava que o tinhao assassinado! (*deixa cahir a cabeça soluçando*).

THOMÉ.

Pobre pai!

JANUARIO.

A carta me dizia, que o corpo de meu filho estava todo aspado, e tinha sete facadas no peito!!! fiquei prostrado, meu padre, por algum tempo, sobre o terrivel golpe, que fôra desfechado sobre a minha cabeça, e que cortava inda em botão a minha ventura: mas apoz alguns momentos levantei-me terrivel e ameaçador, e jurei pelos manes de meus avos, que exterminaria os assassinos de meu filho! Armei-me, montei a cavallo, abracei minha mulher e minha filha, e sem verter uma lagrima, sem soltar um suspiro parti, e caminhei. Já as espessas trevas de uma noite escura e tempestuosa, tinham espalhado o seu véo sobre o horisonte, quando aproximei-me de uma caza de mesquinha apparencia, para pedir pouzada. Dentro da caza fazião-se ouvir gritos e rizadas, e soava o tinir dos cópos. Bati com força na porta, vierao

abrir-me, entrei: em redor de uma meza haviam sete homens que rião e folgavam, e que com minha entrada ficaram perturbados e tristes; mas eu, meu padre, estava tão subjugado pela dor, que não reparei em sua perturbação, e retirei-me para o interior da caza. Felizmente ouvi a dona do pouzo contar a seu marido o assassinato de meu filho, que tinham os monstros relatado, julgando-se sós, quando ella os espreitava. Então, meu padre, um furor terrivel, uma sede de sangue abrasadora se apoderou de minha alma, e jurei não descansar, em quanto não riscasse do numero dos vivos os assassinos de meu filho. Sete erão as feridas feitas em meu filho, e eu protestei que as mesmas feridas lhes faria, e cortaria a cada um uma orelha, para servir de tropheo á minha vingança.

THOMÉ.

E' horrivel a vossa narração!

JANUARIO.

Oh! meu padre, ainda não sabeis senão os meus projectos, agora escutae o que tenho feito, porque pouco me falta para realizar a minha vingança, pois cinco dos assassinos de meu filho, estão mortos!

THOMÉ (*perturbado*).

Oh! meu Deos!!

JANUARIO.

Estaes perturbado?! invocaes o nome de Deos quando se tracta de malvados, como aquelles que extermineis?!

THOMÉ.

Meu filho, Deos perdoa aos arrependidos, e quem sabe se elles se não arrependerião? Continuai a vossa narração.

JANUARIO.

Era uma noite, clara como o dia, e junto á villa de Taubaté se elevavam as espiraes avermelhadas de uma fogueira, em roda da qual alguns homens aqueciam os membros enregelados; de repente detraz de uma cerca um homem se precipita sobre um delles, crava-lhe a faca no peito por diferentes vezes e desaparece. Ninguem se atreveo a perseguir o matador, mas os que examinarão a sua victi-

ma, virão que era já um cadaver, que tinha sete facadas, e que lhe faltava uma orelha. O matador era eu, e a victima era José da Silva um dos assassinos de meu filho. Havia em Curitiba dous irmãos que moravão juntos, cazados, bons maridos, e bons pais, cada um delles tinha um filho, notavão porem, as pessoas que os conheciao, que a tristeza annuviava sempre seus semblantes; um dia appareceo-lhes um homem, coberto de andrajos, vergado pelos annos e pelos desgostos, e pediu-lhes uma pouzada por uma noite; concederao-lhe. No outro dia suas esposas apertavão nos braços dous cadaveres, o hospede havia desaparecido! O hospede era eu, e os cadaveres erao os de Joaquim e Bento Silva, que tinhão assassinado meu filho. Há um anno, um homem viajava solitario e triste, pelas extensas campinas do Rio Grande do Sul, de subito dous viandantes chegando a toda a brida o atacavão, mas debalde, pois elle como se fôra invulneravel, lhes resistio e os lançou por terra mortos. Os trahidores que caíram aos golpes do viandante erao Antonio e Pedro Silva, o primeiro morto meu filho, e quem os matou fui eu. Mas a vingança ainda não está completa, ainda me faltão dos assassinos,

THOMÉ.

Justiça na terra, e á Deos no Céu, só pertence a punir os crimes, perdoai, meu filho, perdoai a esses dous assassinos, que demais vos haveis vingado.

JANUARIO

Perdoai, meu padre, é um sentimento que não está em todas as paginas de minha alma; Deos perdoa porque eu não perdoaria, se o não fosse não perdoaria. Estou tao longe de Deus, que não posso perdoar que trago sobre o meu peito as orelhas dos cinco homens que matei, afim de que me lembrem, que ainda me faltão duas para completar o meu trophéo.

THOMÉ.

Perdoa, meu filho, que Deos te perdoará.

JANUARIO.

Não padre, quando o meu pobre Antonio os implorava, elles o fazião soffrer atroz martirio, o sangue reclama sangue, e o juramento de um Paulista deve cumprir-se.

THOMÉ.

Meu filho, vou repouzar na proxima gruta, reflecti nas

minhas palavras. Aqui vos deixo a minha Biblia, talvez a sua leitura vos incline a perdoar. (*Vai-se*).

SCENA 6.^a

JANUARIO (*só*).

Perdoar! perdoar aquelles me matarão o filho! oh! não o posso. Esta insistencia do padre em querer que eu perdoe aos dous malvados que inda não soffrerão meus golpes, seu olhar perturbado, fazem-me desconfiar da sinceridade de suas palavras. Quem sabe, se está elle comprado por alguns desses monstros, para armar-me uma cilada?!... (*reflectido*) A santidade de suas palavras não gera desconfiança, mas quem conhece o mundo, sabe que muitas vezes o vicio traja as vestes da virtude. Se elle é um trahidor, sobre elle reverterá a traição, porque tem de lutar com um homem. Seus olhos não se cerrão ha sete annos, cujo corpo não se dá á fadiga e que no entanto sabe imitar as apparencias do sono de maneira que engana. Fingirei pois que durmo, e resolverei as minhas duvidas. (*escutando*) Ouço passos, cemos a fingir.

SCENA 7.^a

O MESMO (*fingindo que dorme*), E THOMÉ (*entrando com a vela na mão*).

THOMÉ (*examinando-o*).

Como repouza socegoado, parece que a morte dos homens não lhe peza na consciencia; mesmo durante o somno seu semblante é terrivel e ameaçador. Oh! quando seus olhos se abrazarem no fogo da vingança, quando este homem estiver frente a frente, peito a peito com o inimigo, suas vistas hão-de fascinar como as do cascavel, e com tudo este homem tão terrivel, cabio como uma criança no laço que lhe armei. Satanaz m'o entrega, immovel, e indefezto, para que eu possa beber uma alegria, em cada um de seus ultimos arrancos. Este corpo tão valente será em breve um cadaver, estes olhos que fascinarão estarão em breve fixos e amortecidos! A tua hora fatal é chegada Januario Garcia, tua vida está pendente por um fio, e este fio, eu vou cortar-o, vás morrer ás mãos de Thomé da Silva! (*vai cravar a faca em Januario Garcia, este levanta-se, verga-lhe o pulso, e arranca-lhe a faca*).

JANUARIO.

Ainda não miseravel!

THOMÉ (*de joelhos*).

Meu Deos! meu Deos, valem-me!

JANUARIO.

Infame, disfarçaste-te com sagrados vestidos para me assassinares a teu salvo, usastes de uma linguagem hypocrita para illudir-me, e inda ousas invocar o nome de Deos?! insensato e louco, que te persuadistes que Januario Garcia te deixaria realizar teu plano infernal, que te nao lembraste que elle promettera não descansar um momento em quanto não exterminasse os assassinos de seu filho!!

THOMÉ (*arrojando-se aos pés de Januario Garcia*).

Perdão! Perdão!!

JANUARIO.

Inda ousas implorar-me! morre pois impenitente, já que usas mais a vida que a salvação de tua alma (*crava-lhe a faca*).

THOMÉ (*moribundo*).

Eu te amaldiço-o, Januario, a ti e a tua familia (*expira*).

JANUARIO.

é um cadaver! Dizem que a maldição de um morto é fatal, que importa? inda falta uma orelha ao meu trophéo, e um cadaver á minha vingança; e em quanto mais um homem não soltar o ultimo suspiro, e em quanto minha missão não estiver cumprida, não descansarei, porque meu juramento não estará completo.

(*Cabe o pano.*)

FIM DO SEGUNDO ACTO.

Acto 3.º

QUARTO QUARTO.

A scena representa uma sala com cadeiras de espaldar; portas á direita para o interior, e á esquerda para o exterior. Luiz Paulino entrando dirige-se á uma das janellas e depois volta á boca da scena.

SCENA 1.ª

LUIZ PAULINO (*só*).

Lá vem a aurora raiando enfeitada de vivas côres! Que contraste pungente entre a alegria da natureza e os remorsos da minha alma! Inda mais uma noite de insomniã e padecimentos é passada... inda mais um dia se reunio áquelles que já findarão e que me aproximão do termo desta vida tão cheia de amarguras desde o momento fatal de meu crime! E com tudo, eu amo e sou amado; mas a felicidade que possuo póde desaparecer de subito, como a neve de uma manhã de inverno se dissipa aos ardentes raios do sol. Minha vida é um mixto inexplicavel de gozos e tormentos. De um lado uma mulher que amo e que me ama, um anjo que idolatramos... de outro, o phantasma sanguinolento de minha victima, que me persegue como uma ameaça. Oh! se Josephina soubera, que aquelle, que com o meu sorriso e meus labios, e o inferno na alma veio unir seu coração nodor do meu pelo crime, ao coração puro de um anjo, é o assassino de seu irmão, expiraria horrorisada de minha audacia. E talvez, oh! idéa horrivel! que no momento extremo amaldiçoasse o fructo de nossa união. Meu Deos! meu Deos! tirai-me do coração este pezo de chumbo que o esmaga, do cerebro esta idéa pungente que me enlouquece! (*senta-se com dôr*).

SCENA 2.ª

O MESMO E JOSEPHINA.

JOSEPHINA (*entrando e reparando na tristeza de Luiz*).

Como estás triste! E's outro! Nos primêiros tempos que se seguirão a nosso casamento estavas sempre tão alegre, mas ao depois, sempre te encontro tão taciturno que se teu amor não fôra para mim aquillo que mais estimo sobre a terra,

LUIZ.

Desassisais bom velho, não vos devo cousa alguma.

JANUARIO.

Esquadrinhae em vossa memoria, revolvi os adytos de vosso coração, e ahi encontrareis a lembrança terrivel de vossa divida. Não é ella de ouro, vil metal cuja posse sacrificuei para conseguir meos fins; é uma divida de horror e de sangue !

LUIZ.

De horror e de sangue! o unico homem de quem me arreceava é morto.

JANUARIO.

O offensor phantazia de ordinario a morte do offendido para serenar o seu espirito atribulado pelo remorso. E de mais como reconhecer em meu rosto rugoso um rosto animado pelas côres da idade viril, em meo corpo curvado pelos trabalhos, a antiga força que fazia vergar a possante arvore da floresta, em minha voz humil e titubeante, a voz altaneira que despertava os mais apartados échos da montanha, e com tudo a este homem vergado pelo pezo dos soffrimentos ainda restão forças para esmagar-te, e este velho representa a idéa que te enluta os sonhos, é o pesadelo eterno das tuas noites, é Januario Garcia !

LUIZ.

Oh! não, não pôde ser, esse homem é morto.

JANUARIO (*ironico*)

Oh! pensavas que um homem só, entregue á seus unicos recursos não poderia escapar ás ciladas de seis malvados como erão teus irmaos? E que em socego poderias fruir os gozos da vida apoz haver practicado o crime? Quao nescio foste! Teos irmaos é que succumbirão aos golpes da Justiça Divina, de que eu era o simples instrumento. (*Abrindo o peito da camiza*) Olha, eis aqui o meu trophéo, é um roزاریo composto de suas orelhas, é um talisman que trago sobre o peito, e que me aviva a lembrança de seu crime e a sêde da vingança. Prometti que me chamarião o — Sete Orelhas— inda uma falta, prepara-te à morrer.

LUIZ (*desanimado*).

Oh! meu Deos! é chegada a minha ultima hora!

JANUARIO.

Sim. A luz de tua vida está prestes a extinguir-se, a ultima pagina do livro de teu destino está quasi a findar-se.

LUIZ.

Oh! mas antes de matar-me sabe que sou teu genro!

JANUARIO

Já o sabia. Que importa se assassinaste meu filho a tua cobardia, e o refugio que buscaste nos braços de minha filha contra minha vingança, não te hão-de livrar da morte.

LUIZ.

Oh! escuta a minha historia, e te commoverás!

JANUARIO.

Escutar as palavras de um moribundo é um dever sagrado; falla, mas sê breve que o tempo urge.

LUIZ.

Quando meus irmãos me arrastarão ao assassinato de teu filho tinha apenas dezeseis annos, disserão-me que elle era nosso perseguidor, que pertendia tirar-nos nossas terras, e que cumpria punil-o. Levado por estas especiosas razões, inexperiente como era, concorri para este acto nefando, mas quando vi correr o sangue da victima, quando vi os crueis tractos que lhe fizeram soffrer, quando escutei seus gritos horrorisei-me, o remorso calou em minha alma.. Quando te vi pobre pai separado para sempre de teu filho, pranteares tua desdita e protestares vingança, separei-me de meos irmãos que forjavão planos atrozes contra tua vida. Tempos depois, passando por tua casa ahí parei, vi tua filha, pela belleza do rosto decirei-lhe a belleza d'alma, e pelas suas palavras e sua virtude, e ameí-a como se amão os anjos no Céu. Vi que a miseria ameaçava tua familia, a miseria que sana os tormentos da fome com a infamia da prostituição! Então commovido quiz sanar o mal para que havia concorrido com a morte de teu filho, salvando tua filha dos perigos que a cercavão, pedi a sua mão, quiz ser minba. Tua mulher con-

sentio em nosso consorcio, elle realisou-se, ha seis annos. Ha seis annos que idolatro tua filha, e respeito tua esposa, tenho um filho inda no despontar da vida, e queres deixar o infeliz sem pai, e tua esposa e a minha desesperadas?

JANUARIO.

Insensato! Cuidaste commover-me e inda mais me exasperaste, quizeste esquivar-te á morte allegando o teu consorcio com minha filha, esse consorcio é uma verdadeira prostituição, os seus laços são manchados de sangue, e devo quebra-los. Entre ti e ella ha um cadaver de permeio, que vos separa. Ousaste unir-te a Josephina, tu o assassino de meu filho, e queres que te perdoe?! A par da pintura de teu amor extremo por ella, me apresentas o terrivel quadro da morte de meu filho, e imploras perdão?! Oh! não, serei inexoravel como a Justiça de Deos.

LUIZ.

Poderia deffender-me, sou moço e vigoroso, talvez succumbisses, mas enxergo em tua vingança a vontade da Providencia, que não deixa impune o crime. Mas lastimo o abandono de meu filho, e o desespero, e a morte de Josephina.

JANUARIO.

Cuidarei de teu filho, não teve parte em teu crime, não é por elle responsavel. Quanto a Josephina não sentirá certamente a tua morte, logo que souber que foste um dos assassinos de seu irmao, ha-de detestar-te.

LUIZ.

Oh! matai-me! matai-me já! e não me roubeis o bem que préso mais sobre a terra, o seu amor! antes mil vezes a morte que duvidar da sua afeição!

JANUARIO.

Pois cumpra-se a minha missão na terra! (*dá-lhe um tiro*).

LUIZ (*cahindo*).

Pedoe-me... meu Deos... perdoe-lhe... adeos... Josephina... (*expira*).

SCENA 7.^a

JANUARIO, ANNA E JOSEPHINA.

ANNA E JOSEPHINA (*assustadas*).

Ouvimos um tiro, o que aconteceu ?

JOSEPHINA (*sem ver o cadaver*).

Que horrivel idéa ! meu esposo !

JANUARIO.

Morto. Ali está (*aponta para o cadaver*).

JOSEPHINA (*desvairada*).

Morto ! e que vos fez elle malvado ?

JANUARIO.

Matou meu filho.

ANNA.

E quem sois vós homem terrivel ?

JANUARIO.

Junuario Garcia Leal teu esposo (*apontando para Josephina*) Seu pai.

JOSEPHINA (*succumbida pela dôr*).

Meu pai ! (*apontando para o cadaver*) Elle ! elle um dos assassinos de meu irmão ! Oh ! meu Deos ! eu morro !... (*cahe e expira*).

ANNA (*correndo a ella*).

Minha filha ! minha pobre filha ! (*quando segura nella cahe de joelhos como se fôra fulminada por um raio*). Morta !

JANUARIO (*no mesmo tom*).

Morta tambem ! (*faz uma pausa depois diz resignado*) Seja feita a vontade de Deos, (*ajoelhando-se perto do corpo de Josephina*) A vingança acaba com a morte do offensor. Oremos

perto do corpo deste anjo pela salvação da alma de seu esposo.

ANNA.

Oremos, Januario. (*Ambos fiação de joelhos alguns momentos*.)

JANUARIO (*em pé com os braços levantados ao Céu*).

E agora, oh! meu Deus cumpri meu juramento, e posso socegado repousar na sepultura, e quando soar a trombeta do Juizo final, apresentar-me-hei diante de vós com o meu trophéo de vingança, e vos direi: — Senhor, exterminei os assassinos de meu filho, puni-me se usurpei a vossa missão de justiça.

ANNA.

Perdoae-lhe, meu Deus! perdoae-lhe antes.

(*Cahe o pano.*)

FIM DO DRAMA.

Erasmus Martinus

